

RESPONSABILIDADE SOCIAL

ROSÂNGELA MAIORANA KZAN

rs@oliberal.com.br

Projeto leva economia justa a Cotijuba

SUSTENTÁVEL

Por meio do portal, 95% do valor da venda dos produtos irá para o MMIB

Um galpão pequeno, onde se pode ouvir o barulho que o vento faz nas folhas das árvores, é o ambiente de trabalho da artesã Danielle Conceição, 34. Com as mãos ágeis, ela manipula os fios que depois serão usados para compor as biojoias e blocos de papel reciclado produzidos do Movimento de Mulheres das Ilhas de Belém (MMIB). A sede da entidade fica na ilha de Cotijuba, localizada a 40 minutos de barco da capital paraense, e vai ser o ponto de distribuição de artesanato regional para todo o país, via internet.

Esta é a proposta do projeto Amazônia Justa, desenvolvido pelo MMIB em parceria com o Instituto Brasil Justo e com apoio da Petrobras. Em andamento há quatro meses, a primeira fase do projeto está terminando e consiste na realização de cursos, oficinas e compras de maquinários. O cronograma prevê a inauguração da loja virtual em fevereiro de 2015, no site www.istoessustentavel.com.br. Até lá, serão realizados eventos e exposições para divulgar a iniciativa.

Danielle aprendeu a confeccionar os acessórios a partir das folhas de pripioca, bananeira e sementes em 2009, quando se associou ao movimento. "Fazia algumas peças de crochê antes, mas, por distração. A partir do curso de biojoias vi que tinha um outro caminho, uma outra forma de ganhar dinheiro sem ter que ir para a cidade", conta.

Ela morou em Belém por cinco anos, para estudar, mas não pretende deixar a ilha novamente. "Aqui o ritmo de vida é outro, a gente trabalha com tranquilidade", acrescenta. A artesã se divide entre o trabalho em casa, com os dois filhos adolescentes, e a ajuda no MMIB. "A gente sempre está produzindo, às vezes mais, às vezes menos, mas sempre tem peça para vender. As ações do Movimento tem atraído bastante público jovem, e eu que sou mãe fico de olho nisso, porque aqui os jovens não têm muita ocupação", afirma. Além do Bolsa Família, que recebe mensalmente, ela complementa a renda familiar com o valor repassado pelo projeto para os integrantes, que varia entre R\$ 300 e R\$ 500.

Segundo a coordenadora administrativa do MMIB, Adriana Lima, o Amazônia Justa é composto por seis mulheres e um homem, enquanto o Movimento conta com 68 associados. A entidade existe há 15 anos e promove outras iniciativas, como o projeto Vida e Companhia, que atende cerca de 100 idosos; o projeto Amazônia, que oferece cursos de empreendedorismo para 35 jovens entre 16 e 21 anos; e a conservação da planta ucuuba. O MMIB tem, ainda, um centro de inclusão digital, com aulas semanais de informática e formação de 20



Adriana Lima mostra as biojoias que são confeccionadas pelo grupo, que ainda tem Delson, Elcicleia e Daniele



O projeto Amazônia Justa também produz 100 folhas recicladas e 200 blocos de papel por semana



A produção de biojoias pela equipe do projeto que integra o MMIB gera renda e autonomia financeira

pessoas por trimestre, além da sala de leitura, único espaço do tipo na comunidade.

"Trabalhamos com biojoias há cinco anos, através de uma parceria com o Instituto Peabiru e a Mappingari Design, mas a produção de papel artesanal começou em 1999. Agora, com o Amazônia Justa, é que juntamos os dois para comercialização e o principal objetivo é trabalhar, mas sem ter que sair de Cotijuba para vender", explica.

O Movimento já recebeu uma prensa e uma guilhotina industrial, e aguarda uma máquina de corte e vinco. Com o reforço no maquinário, eles conseguem produzir, semanalmente, 100 folhas recicladas, 200 blocos de papel por

semana e 50 terços, considerado o destaque do trabalho com as biojoias.

COOPERATIVA

Em agosto, a Fundação Curro Velho vai promover uma formação para os participantes do projeto e moradores da ilha. "Além dos acessórios, usamos as sementes e folhas de árvores também nos blocos de papel. Como iremos expandir a distribuição, esta oficina vai ajudar a trabalhar o beneficiamento das sementes e manuseio dos produtos prontos, porque precisaremos fazer estoque e surgem problemas como umidade e mofo. Também haverá oficina sobre

cartonagem e encadernação", informa Adriana. A ideia, de acordo com ela, é formar uma cooperativa a partir do MMIB, que possa trabalhar na ilha.

"As propostas que recebemos era sempre de deixar Cotijuba e ir para Belém para comercializar nossa produção, mas isso criava mais dificuldades do que ajudava, pela questão de locomoção e dos gastos", argumenta. Com um plano diferente, o Instituto Brasil Justo já garantiu parceria com o portal www.maniadepoesia.com.br, onde os produtos são vendidos em kits.

Ainda em agosto, uma integrante do MMIB viajará ao Rio de Janeiro para divulgar os produtos na estação de metrô

do Cantagalo, que possui um fluxo de clientes superior a 30 mil por dia, o equivalente a cinco vezes a população que reside na ilha. A oportunidade servirá como um meio de avaliar a aceitação dos produtos no mercado e assim rever padrões de qualidade, atendimento, velocidade de produção, forma de pagamento mais efetuada, dentre outros quesitos fundamentais para o aumento das vendas.

"A partir dessa organização poderemos ter uma produção contínua. Antes dependia muito de encomendas, mas agora a demanda vai aumentar naturalmente e não apenas isso, mas o crescimento virá acompanhado de conhecimento e

"Encontrei outra forma de ganhar dinheiro, sem ter que ir para a cidade"

qualidade", ressalta Adriana.

Esta também é a expectativa do artesão Delson da Conceição, 32, irmão de Danielle. Ele conheceu o Movimento quando participou da oficina de papel reciclado, há 15 anos, e desde então não abandonou a atividade. "Quem acompanha o trabalho do MMIB há muito tempo, sabe o quanto esperávamos por uma chance e agora chegou essa oportunidade. Espero que tudo continue dando certo, que a gente possa envolver mais moradores da ilha e fazer desse trabalho uma renda fixa", reforça. Além de produzir os blocos e folhas, que ficam prontos entre 30 minutos e duas horas, dependendo do tamanho, ele trabalha fazendo diversos serviços em Cotijuba para aumentar a renda.

Elcicleia Fernandes, 36, também trabalha como artesã e acredita que o projeto trará resultados positivos para a juventude da região. "Assim como eles, cheguei através de um curso e descobri um talento que não sabia que tinha. É um trabalho que gosto muito de fazer e a minha filha, de 16 anos até já aprendeu e, de vez em quando, me ajuda com as encomendas", diz.

Os três artesãos concordaram que a atuação do MMIB tem atraído a atenção dos adolescentes e jovens, mas por causa das atividades que envolvem máquinas e vínculos empregatícios, são poucas as atividades que eles realmente podem participar. Ainda assim, alguns ajudam no projeto de conservação do ucuuba. Eles fazem monitoramento nos viveiros, catalogam plantas e mapeiam as espécies.

CONVÊNIO

Por isso, Adriana adianta que a associação está buscando convênio com o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar) para levar cursos do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec). Sobre a trajetória do Movimento, ela pondera que foram muitos anos realizando pequenos cursos, mesmo sem enxergar como essas ações trariam, de forma concreta, grandes mudanças na realidade local. "Nós persistimos e apostamos em uma combinação importantíssima: conhecimento tradicional, produção artesanal e sustentabilidade. São 30 pessoas na entidade que vivem isso diariamente, se dedicando integralmente, e nós visualizamos que a geração de renda a partir disso não é um sonho impossível, pelo contrário, é uma realidade se concretizando", defende.

Para ela, eles nadam contra a maré ao promover um trabalho econômico e social como este, uma vez que é comum os jovens saírem de Cotijuba e percorrerem o estado atrás de oportunidade.

Portal mudará visão da população que ainda depende de bolsas do governo

Força de vontade, técnica e localização geográfica são as principais ferramentas de que a população precisa dispor para se conscientizar de que pode transformar a sua realidade, na visão do coordenador geral do projeto pelo Instituto Brasil Justo, Célio de Carvalho. "Isto ficará bem claro para a população quando o Projeto começar a gerar rendas maiores do que eles estão acostumados. Hoje a população está dependente de várias bolsas oferecidas pelo governo, além de empregos distantes de suas casas para

se manterem. No futuro, com o andamento do projeto, isso vai mudar", garante.

Ele lembra que a ideia vem sendo discutida desde 2011, quando buscavam uma forma de incentivar a proteção da floresta amazônica e gerar renda para os pequenos produtores e associações locais. "O principal foco do Amazônia Justa é abrir um canal de vendas para as comunidades da Amazônia que possuem uma produção eco-sustentável e se localizam em regiões afastadas dos grandes centros", define.

Segundo ele, os obstácu-

los encontrados, como a falta de subsídios, capacitação e renda, poderiam ser minimizados eliminando os intermediários e adotando o e-commerce. O mesmo portal também vai vender o mel produzido pela Associação de Meliponicultores de Curuçá (Asmelc) e os pacotes de turismo de base comunitária da agência de ecoturismo "La no Manguê Ecotour".

Célio de Carvalho diz que embora haja mercado para produtos sustentáveis, muitas pessoas ainda acham que são itens ruins, que apodrecem

e possuem um prazo de validade curto. "Nosso desafio é aumentar a qualidade desses produtos, padronizá-los, criar um controle de qualidade e ganhar a confiança dos clientes. Para isso o projeto investe nas máquinas, cursos e realização de Procedimentos Operacionais Padrões (POPs) para cada produto", aponta.

O conceito exercitado pelo instituto é o da Economia Justa, que, em termos reais, é gerada quando o consumidor final paga o preço de mercado de um produto e mais de 70% deste valor vai para o produ-

tor. Segundo ele, por meio do portal, 95% do valor da venda irá para o MMIB e os outros 5% serão utilizados para pagar o seguro virtual e impostos.

PLANO

O instituto formatou um plano de negócios e de marketing para o projeto, que inclui a participação de artistas na fase de divulgação dos produtos, e começaram a inscrever a iniciativa em editais. No final do ano passado, o patrocínio foi aprovado pelo edital Petrobras Comunidades.

"Vendendo o que os nativos produzem, criamos a possibilidade para que eles gerem renda familiar e permaneçam de forma sustentável em suas terras, protegendo-as. Aumentando a demanda das biojoias, demandaremos mais mão de obra da Ilha, gerando mais renda verde para a população local. Socioambientalmente falando, tem coisa mais bonita que isso?", resume. No site www.institutobrasiljusto.org.br, é possível encontrar informações sobre os outros projetos desenvolvidos pela organização.